

## A PERSPECTIVA TRANSLÍNGUE NA AULA DE ESPANHOL COMO RECURSO DE PRÁTICA LINGUÍSTICA CRÍTICA

Luiziane da Silva Rosa  
IFSC

### RESUMO

Este trabalho, ainda em estágio inicial, faz um recorte a partir do cenário pós-humano e pós-moderno e objetiva refletir sobre a perspectiva translíngue como recurso de prática linguística crítica na aula de espanhol, especificamente durante essas aulas, já que muitas pistas sobre a compreensão dessas práticas surgem nas aulas. As mídias digitais, tão presentes nesse mesmo contexto multimodal dentro da cibercultura, quando exploradas igualmente durante a aula de espanhol reforçam a sensibilização, a empatia, a conectividade, os letramentos e contribui para caminhos outros que permitam desconstruir discursos hegemônicos que prevalecem nos materiais didáticos ou no conhecimento prévio do e da estudante, bem como oferecer a esse estudante a produção de sentidos das línguas e linguagens que se distingue muito do monolinguismo, do somente textual-verbal e ainda contribuem para mudança sociais com e a partir da língua, como por exemplo, a justiça social.

**Palavras-chave:** Translinguagem, Ensino de Espanhol, Educação Linguística Crítica

### Introdução

O presente trabalho parte do entendimento de que a translinguagem pode assumir tonalidade pós-humanista e pós-colonial (e/ou de(s)colonial ou até transcolonial) e se evidenciar como um potente recurso para a promoção de práticas educativas mais democratizadoras e uma prática linguística crítica (ROCHA, 2019). Pós-humana no sentido de reconhecer a condição humana como heterogênea, múltipla, contraditória, contextual e situada e pós-colonial no sentido de compreender as relações de poder na pós-colonialidade. Areladas a isso, as línguas e as linguagens aparecem como um recurso educativo promissor que reúnem conteúdo político-crítico se em diálogo com o entendimento de sua relação de poder (VERONELLI, 2015, QUIJANO, 2014). Então para a reflexão tenho como objetivos específicos: a) Abordar a Educação linguística desde esse contexto pós-colonial. B) Enfatizar a translinguagem como uma proposta de perspectiva sobre a língua e as linguagens. C) Trazer essas reflexões para o ensino de espanhol a partir das mídias digitais enquanto recursos que podem auxiliar na democratização



desse poder e hegemonia linguística durante as aulas. A partir de uma construção teórica, apresento as possibilidades envolvendo as mídias digitais que podem ser exploradas pelo e pela docente durante a aula de espanhol como forma de oferecer a sensibilização, empatia, conectividade, letramentos e socializar outros caminhos para desconstruir discursos hegemônicos que prevalecem nos materiais didáticos ou no conhecimento prévio do e da estudante, bem como oferecer a ele/ela o caráter dinâmico e de sentidos das línguas e linguagens que se distingue muito do monolinguismo e do somente textual-verbal até então muito presentes.

### **Educação linguística crítica no ensino de espanhol**

A primeira noção que permeia a perspectiva atual de ensino de língua é a compreensão de que ela, a língua, deve vir afastada da noção mais tradicional até agora corrente: uma visão hegemônica, monolíngue, com ênfase nas línguas nomeadas e coloniais (como se fossem as únicas em determinados contextos em detrimento às demais línguas), como instrumento de elitização e poder e tendo o falante nativo como o ideal a ser alcançado.

Pelo contrário, a noção que se reivindica é aquela dotada na relação entre as línguas e linguagens, entendendo-as como um sistema multimodal, plurissêmico, diverso, com caráter identitário e em constante reconstituição. A língua(gem) é compreendida, ademais, como aquela que pode ocupar diferentes espaços e conter repertórios linguísticos plurais, similares ou distantes dos modelos considerados ideias.

Com essa mudança paradigmática em torno da noção de língua ensinada, rompem-se fronteiras teóricas e metodológicas até então instauradas, por fim neste século embora tal reivindicação já venha de algumas décadas principalmente com os estudos feministas e de lutas dos povos originários, contudo, ainda sem aplicação real, principalmente no campo das políticas linguísticas.

Para se ter um posicionamento político e linguístico que rompa paradigmas, é preciso repensar nosso papel diante da sociedade, como atuamos nela e o que estamos fazendo para a coletividade e para a paz. (ROCHA, 2019). Assim, em educação, se almejamos uma sociedade mais justa e democrática, pouco avançaremos se seguirmos pensamentos e ações que se alinham ainda a políticas educacionais e linguísticas homogêneas, arraigadas às mesmas tradições acrílicas e



estanques. Assim, em educação, se almejamos uma sociedade mais justa e democrática, pouco avançaremos se seguirmos pensamentos e ações que se alinham ainda a políticas educacionais e linguísticas homogêneas, arraigadas às mesmas tradições acríticas e estanques. Assim, quando se fala em uma educação linguística crítica, remeto à práticas de linguagem (ensino de leitura e escrita) e levem à criticidade e ao empoderamento desses sujeitos culturalmente marcados.

A partir desse entendimento é compreensível justificar a urgência de tal abordagem, dado o mundo que sempre se pautou por este viés colonial. Uma contrapartida pensada nos tempos atuais, pós-modernistas para alguns/algumas, é o enfrentamento a esse pensamento colonizador, não no sentido de se promover uma ruptura, mas sim de demarcar e refletir sobre as estruturas já estabelecidas. As formas como se demarcariam ou se refletiriam são muitas e não é algo novo. Então quais seriam? Sem dúvidas, as possibilidades em aproveitar o poder que a linguagem tem é um dos caminhos. Com a linguagem se produziu a coloniedade e o caminho inverso é possível, ainda que, como falado anteriormente, não necessariamente seja a ruptura de estruturas já postas, mas, talvez, a descontinuidade delas sob um viés não meramente formativo, mas transformativo. É possível pensar em caminhos outros para uma educação linguística crítica na atualidade, mais descentrada e descentralizadora (ROCHA, 2019)

No caso do ensino de espanhol, em se tratando de uma língua já historicamente marcada, o intuito atual seria usá-la para reivindicar outras línguas que foram invisibilizadas/esquecidas e dar voz aqueles que as performatizam. O que está posto, já está posto, mas pode ser reparado simbolicamente por estruturas históricas de poder. (QUIJANO, 2014)

Algumas possibilidades para o ensino de espanhol nesse viés crítico:

- Ensino de espanhol para além da ocupação em espaços institucionais pré-estabelecidos;
- Políticas linguísticas para além da legislação;
- Educação linguística trans e interdisciplinar para além dos espaços formais da escola;
- Rupturas de ideias com foco na forma e na língua nomeada;
- Uso de outras linguagens, híbridas e presentes na sala de aula;



- Colaboração linguística com o alunado (este pode romper com ideias pré-estabelecidas e colaborar com docentes já que é um sujeito partícipe da língua em uso;
- Abrangência da ideia de professor reflexivo e pesquisador para além dos espaços universitários;
- Na questão de política da língua, colocar em prática pensamentos não hegemônicos, mais móveis, com ações criativas, democráticas e ideológicas com a participação de seus falantes.

No próximo subitem abordarei outro caminho, a translanguagem desde o viés da linguagem em uso.

### **A translanguagem como uma proposta de perspectiva sobre a língua e as linguagens**

Nas práticas de negociação em contextos situados, como o que ocorre na internet, são muito comuns dinâmicas linguísticas que ultrapassem fronteiras das normas linguísticas pré-estabelecidas, que rompem o mito do falante nativo (RAJAGOPALAN, 2003), que vá além do clássico das ideologias monoglóssicas (GARCÍA, 2009; MAHER, 2007) e que reivindicam uma educação linguística pautada em políticas linguísticas mais democratizadoras e com outras ideologias nesse novo cenário (MOITA LOPES, 2008).

De fato, há linguagens própria na internet que interagem com as línguas dos falantes. Esse modo desregrado de comunicação - fruto também da mundialização e internacionalização da economia - tem gerado práticas linguísticas cada vez mais diversas, performativas, e com isso novos olhares para os letramentos, para o bilinguismo e para a cibercultura são colocados. Um desses olhares é a convivência/co-existência mútua entre línguas e como os falantes se expressam dentro desses cenários, como dão sentido a suas atitudes, transcendendo e ressignificando práticas translíngues que influenciam em outros cenários e no cotidiano.

O termo translanguagem vem sendo bastante discutido no âmbito de línguas estrangeiras/adicionais no Brasil, não só nos estudos sobre bilinguismo (de onde se origina a discussão) ou no contexto de educação formal bilingue português-



inglês ou em situação de fronteira, mas em outros contextos como os oferecidos pela internet.

O próprio termo “Trans” já nos dá uma ideia de que não se refere a duas línguas separadas, como se fosse uma hibridização de língua, mas um processo dinâmico e inter-relacionado. Suresh Canagarajah (2013) atribui movimento entre duas línguas, como um sistema só, que coexiste. De acordo com Rocha (2019) “não equivale à intercalação de idiomas nomeados, mas diz respeito aos repertórios que são mobilizados pelos falantes para produzir sentidos e indexar suas identidades nas práticas comunicativas”. Esse entendimento corrobora com a noção de que em uma determinada prática situada, não cabe compreender a língua como um sistema de código homogêneo em que há modelos ideais a serem alcançados e sim a compreensão de uma língua em uso num determinado espaço. Em meu recorte inicial, aprecio a língua espanhola dentro do contexto brasileiro e dentro do contexto multilíngue da cibercultura. Todos esses cenários e contextos estão presentes na sala de aula, por exemplo, quando o ou a docente vai consultar um termo nos dicionários on-line ou em um tradutor automático ou quando utiliza um texto jornalístico para a sua aula. Nessas consultas, emergem não só a alternância de línguas postas pela internet como também há a apropriação da língua de trabalho/aprendida desde a perspectiva da prática (GARCÍA, 2014).

Para além dos prefixos e mais próximo das ações e práticas de linguagem dos participantes em seu campo social que falam a língua, agem nela e transformam o mundo através da linguagem. Por isso é contraproducente seguir compreendendo esse sujeito como um modelo ideal (associado a uma língua nomeada, uma língua que não está em constante comunicação e geralmente uma língua que está associada a uma norma) e dar-lhe uma compreensão de agentividade em que sua performance linguística é considerada. É um processo complexo de comunicação, pois requer ações flexíveis e significativas dentro de repertórios linguísticos específicos. E é uma perspectiva que volta o olhar para o falante, para suas motivações, subjetividades e sua participação nas línguas.

Assim, nessa vertente, “a perspectiva translíngue emerge a fim de questionar o monolíngue, o monolítico e o monológico, oferecendo lentes que nos permitam a captura de práticas complexas, expandidas e independentes”. Oferece novas interações, como espaços translíngues, que pode ser compreendido “como



um espaço que quebra as barreiras das diversas dicotomias, permitindo aos atores envolvidos a liberdade para utilização de seus repertórios linguísticos” (REIS; GRANDE, 2017, p. 135)

Fazer a relação da perspectiva translíngue com a educação linguística é importante dada porque os e as educadoras linguísticas podem ressignificar suas práticas pensando nas mudanças sociais ou na justiça social a partir da linguagem. Se utilizam essa linguagem dentro das mídias digitais, por exemplo, onde já há profundas reivindicações sociais, a forma como esse sujeito reflete sobre a língua contribui para sensibilizar o diálogo<sup>1</sup> na modernidade recente.

Trazendo as duas perspectivas é possível então romper com discursos estáveis e corporificados (influenciados pelo monolinguismo e pelas línguas marcadas) que permanecem, comprometem e até invisibilizam várias áreas do saber na América Latina como política, economia, cultura, relações sociais de migrações etc. Assim, a translíngua na aula de espanhol é uma alternativa viável na atualidade pensada como uma educação (linguística) transformadoras de bases críticas e transcoloniais (ROCHA, 2019).

A mesma autora ainda salienta que tal perspectiva pode nos ajudar na compreensão das práticas de linguagens na atualidade, porque “implica o reconhecimento não apenas da existência de uma variedade de linguagens e códigos na comunicação contemporânea, como também o comprometimento perante a multidiscursividade e a multivocalidade”.

### **A translíngua e as mídias digitais: uma combinação possível para uma educação linguística crítica?**

Na proposta de estudo em andamento, há uma relação bem direta entre translíngua e o poder que as mídias sociais trazem porque ambas não são abandonadas durante uma aula de língua adicional, pelo contrário, podem emergir essas práticas fluidas, espontâneas e menos delimitadoras como os atuais hábitos sociais já agem fora da sala de aula. Por isso é que os caminhos para uma educação

---

<sup>1</sup> El diálogo como proyecto y método de resistencia a la unilateralidad y unidimensionalidad discursivas del eurocentrismo es central en vários ejemplo, la pedagogía dialógica, transmodernidade, interculturalidad de Catherine Walsh. (VERONELLI, 2015)



linguística crítica trata dos espaços extraclasse como um modo de abranger tais práticas. Por exemplo, como abordar a noção de justiça social, equidade e coloniedade das demais línguas que convivem com o espanhol e com ser explorada para além do livro didático?

Concordando com as questões colocadas por Rocha (2019)

Em tempos de ódio e disjunções históricas, das mais diversas ordens, não parece plausível a ideia de que formas alternativas e possivelmente mais efetivas (e afetivas, acrescento) de lidar com os dilemas do mundo hoje requeiram o desafio de repensarmos nossa relação com tudo aquilo que não consideramos humano e, por decorrência, encontrarmos outros modos de nos definirmos e também de compreendermos tais elementos? (p. 11)

Embora no pós-humanismo e na modernidade recente se discuta ainda o poder do computador e da internet na vida social e no próprio biológico do ser humano, cabe realmente discutir de que formas alternativas, efetivas e afetivas podemos buscar para os dilemas do mundo, incluindo a busca pela justiça social a partir da linguagem.

Além disso, para além do que as mídias digitais já estão provocando nesses dilemas sociais é preciso resgatar as seguintes questões:

- A hibridização é pensada só como produto e não como prática?
- As mídias (conceito plural) como consumo e produção. O que elas fazem na nossa sociedade?
- É possível pensar para além das mídias digitais não só como fenômenos da prática social da linguagem, mas uma transformação do pensamento?
- Está acontecendo uma democratização do saber a partir da multimodalidade?

No que tange o papel da mídia digital, algumas alternativas estão sendo revistas, algumas já pontuadas inicialmente, como por exemplo, a pesquisa no ensino a partir da práxis, as sensibilidades para os multiletramentos e um verdadeiro olhar para a trans/interdisciplinaridade. Como se vê, não é muito diferente do que foi posto ao se falar em translinguagem e educação, pois há um contínuo diálogo, e por isso que esse estudo em andamento propõe a junção dessas três perspectivas de forma a qualificar a prática do espanhol em sala de aula e possibilitar outras contribuições para seus falantes.

Novamente trago Rocha (2019) citando Bauman (2012) quando diz que



[...] na sociedade líquida das mídias e massas, a lógica pan-óptica, em que poucos controlam muitos, de modo pontual, localizado e verticalizado, perde espaço ao sinóptico, cujo funcionamento mais global e desvinculado da incisiva coerção, incide em um regime de controle inverso, em que os poucos escolhidos pelas grandes mídias de massas a serem observados são seduzidos a compactuar com a vigilância.

E é possível caminhos desde a prática pensada na prática? O presente estudo tem se mostrado favorável a avaliação em processo, como uma forma de obter pistas e contribuir com a prática ao mesmo tempo.

A etnografia, aqui entendida como uma teoria e não método, seria oportuna para compreender o contexto em que as mídias transformam as linguagens. Por isso a importância de fazer etnografia na mídia, da mídia e com as mídias em diferentes áreas do conhecimento. Conforme explicitado, com a perspectiva etnográfica possibilita um movimento de conscientização dos agentes e sujeitos envolvidos a partir de suas práticas com e da língua(gem). Também contribui para a compreensão de aspectos sociais das línguas e os convida para outras perspectivas linguísticas a partir do estranhamento ao familiar, uma perspectiva outra, que torna o distanciamento estratégico para compreender o contexto e o outro cultural.

Assim, discutir a translinguagem a partir de mídias digitais que podem ser exploradas por docentes durante a aula de espanhol como forma de oferecer a sensibilização, empatia, conectividade, letramentos e socializar outros caminhos para desconstruir discursos hegemônicos, muito presentes ainda nos materiais didáticos ou no conhecimento prévio do e da estudante, é um caminho possível e contém outros tantos.

Por isso, a proposta desse estudo é a de articular teoricamente essas três perspectivas e oferecer aos agentes e sujeitos o caráter dinâmico e de sentidos das línguas e linguagens que se distingue muito do monolinguismo e do somente textual-verbal até então muito presentes.

Dos caminhos até aqui levantados e discutidos nas três subseções anteriores, a perspectiva desde um viés translíngue com o uso de mídias digitais para fomentar uma educação linguística crítica em espanhol ainda requer diferentes análises teóricas e etnometodológicas de estudo na prática. Como sucede, o que e como os falantes se utilizam de trânsitos linguísticos dentro das mídias digitais durante a aula de espanhol – seja ela de que formato for – ainda



requer fomentar um estudo longitudinal a partir de um critério considerado não homogeneizante. Por enquanto se descarta os materiais didáticos formais, mas outros caminhos estão sendo detalhados e para compreender melhor a possibilidade de mudança a partir do desafio dessa articulação.

### **Algumas considerações Finais**

Em nosso contexto pós-humanista e pós-colonial (e/ou de(s)colonial ou até transcolonial como podemos nomeá-lo), a translíngua pode se evidenciar como um potente recurso para a promoção de práticas educativas mais democratizadoras e uma prática linguística crítica (ROCHA, 2019). Pós-humana no sentido de reconhecer a condição humana como heterogênea, múltipla, contraditória, contextual e situada e pós-colonial no sentido de compreender as relações de poder na pós-colonialidade.

A partir desse recorte, este texto, ainda em estágio inicial, trouxe algumas questões, propostas e caminhos a partir desse cenário, tendo como objetivo central tecer considerações sobre a perspectiva translíngua como recurso de prática linguística crítica durante a aula de espanhol com o auxílio das mídias digitais que potencializam, por um lado, essas perspectivas.

Isso porque as mídias digitais como um artefato cultural fruto da cibercultura, quando explorada pelo e pela docente durante a aula de espanhol reforça a sensibilização, empatia, conectividade, letramentos e contribui para caminhos outros que permitam desconstruir discursos hegemônicos que prevalecem nos materiais didáticos ou no conhecimento prévio do e da estudante, bem como oferecer a ele/ela o caráter dinâmico e de sentidos das línguas e linguagens que se distingue muito de práticas amplamente replicadas como o poder ao monolinguismo e do somente textual-verbal.

Verifica-se até então que o estudo toma proporções mais consolidadas se associado às teorias e métodos etnográficos e se envolve as perspectivas anteriormente apontadas.

### **REFERÊNCIAS**



CANAGARAJAH, S. **Translingual practice**. Global Englishes and Cosmopolitan Relations. Nova Iorque: Routledge, 2013

GARCIA, O. **Bilingual education in the 21st century**: a global perspective. Malden, MA and Oxford: Wiley/Blackwell, 2009.

GARCÍA, O.; LI, W. Translanguaging and Education. In: **Translanguaging: Language, Bilingualism and Education**. London, UK: Palgrave Macmillan, 2014

MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007

MOITA LOPES, L.P. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

QUIJANO, A. Cuestiones y Horizontes. **Antología esencial de la Dependencia Histórico-Estructural a la Colonialidad/Descolonialidad del Poder**. 2014

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

REIS; M.O.; GRANDE, G.C. A translanguagem como ferramenta de aprendizagem e identidade na escrita acadêmica. **Papéis**: revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS. Vol. 21 , Nº 41, Campo Grande, MS : 2017, p. 129 a 150

ROCHA, C. H. Educação linguística na liquidez da sociedade do cansaço: o potencial decolonial da perspectiva translíngue. **D.E.L.T.A.**, 35-4, 2019, p. 1-39

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. **Língua estrangeira e formação cidadã**: por entre discursos e práticas. Pontes, 2015.

VERONELLI, G.A. Sobre la colonialidad del lenguaje. **Universitas humanística** no.81 julio-diciembre de 2015 pp: 19-44

